

ECONOMIA VERDE Projeto bancado por empresa elétrica americana pretende imobilizar 1 milhão de toneladas de carbono

Sumidouro protege mata atlântica no PR

Luiz Carlos Murakus/Folha Imagem

MARIANA VIVEIROS

ENVIADA ESPECIAL A GUARAQUEÇABA

Preservar a biodiversidade de 6.000 hectares de mata atlântica e buscar alternativas econômicas ambientalmente sustentáveis para a sobrevivência da comunidade que vive na região.

Se conseguir alcançar esses objetivos, o Projeto de Ação Climática Serra do Itaquí vai mostrar que uma área de sequestro de carbono pode ir muito além da redução dos efeitos nocivos causados pelo excesso de gás carbônico (CO₂) na atmosfera e da eventual obtenção de créditos por isso.

O projeto é executado pela ONG curitibana SPVS (Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental). Desde julho de 2000, a SPVS cuida da implantação do sumidouro — como também é chamada a área destinada a retirar CO₂ da atmosfera — dentro da APA (Área de Proteção Ambiental) de Guaraqueçaba, 150 km ao norte de Curitiba (PR).

Os planos incluem o plantio de espécies nativas da mata atlântica em 1.680 hectares, a regeneração de outros 3.220 hectares de floresta degradada e a manutenção de 2.100 hectares de mangues e de floresta madura.

O projeto é financiado pela AEP (American Electric Power), uma das maiores companhias de energia elétrica dos EUA. Ela investiu US\$ 5,4 milhões (R\$ 11,7 milhões) na área e terá até 40 anos para usá-la na obtenção de créditos-carbono — o que depende da ratificação do Protocolo de Kyoto (leia texto acima, à direita).

Nesse período, a expectativa é de ter imobilizado 1 milhão de toneladas de carbono, o que corresponde à absorção de 3,7 milhões de toneladas de CO₂ — 0,05% das 6,6 bilhões de toneladas emitidas por ano no mundo.

“Pode parecer pouco, mas qualquer ação, em qualquer lugar do mundo, afeta a atmosfera como um todo”, afirma o engenheiro florestal André Ferretti, coordenador do projeto.

O CO₂ é um dos principais gases-estufa, responsáveis pelo aquecimento da atmosfera e por alterações climáticas que podem provocar inundações em áreas costeiras, degelo das calotas polares e extinções em massa.

Para crescer, as árvores intensificam a fotossíntese, retirando CO₂ do ar e fixando o carbono na matéria orgânica (madeira, folhas, raízes). Estima-se que cada hectare de floresta em crescimento absorva até cem toneladas de carbono por ano.

Biodiversidade

O sequestro do carbono e os créditos não são, porém, o que mais empolga a SPVS. “O comércio do carbono ainda é uma possibilidade remota. Tão ou mais importante é a preservação da biodiversidade da região”, diz Ferretti.

A restauração da vegetação nativa está sendo feita com mudas produzidas num viveiro próprio. Já estão plantadas cerca de 30 mil árvores, que são cercadas de cuidados especiais.

Segundo Ferretti, antes do plantio é preciso fazer uma seleção genética das sementes, para não plantar árvores “irmãs” próximas umas das outras, o que as tornaria mais vulneráveis aos predadores.

Um segundo cuidado é com a vegetação de gramínea que domina as áreas desmatadas, porque ela cresce muito rápido e pode sufocar as mudas, matando-as.

Depois dos 40 anos de uso para o sequestro de carbono, o sumi-

Para ministério, país está fazendo o ‘dever de casa’

DA ENVIADA ESPECIAL

Mesmo reconhecendo que as discussões em torno do Protocolo de Kyoto “não estão indo adiante”, Fernando Vasconcelos, gerente da Secretaria de Qualidade Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, afirma que o Brasil está “fazendo o dever de casa” e que os projetos de sequestro de carbono

no são um exemplo disso.

Firmado em 97, o Protocolo de Kyoto determina a redução de 5,2% do gás carbônico (CO₂) lançado na atmosfera pelos países industrializados até 2012, em relação ao nível de emissões de 1990.

A decisão do presidente dos EUA, George W. Bush, de abandonar o acordo, anunciada na última quarta-feira, tornou, porém, sua ratificação ainda mais remota.

Os EUA são responsáveis por 22% das emissões de CO₂, e sua adesão é crucial para que o tratado atinja suas metas. (MV)

6,6 bilhões

de toneladas de CO₂ são jogadas na atmosfera por ano, contribuindo para o efeito estufa

366,6 toneladas

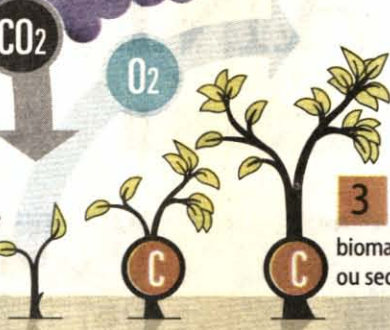
de CO₂ são absorvidas por cada hectare de floresta (10 mil metros quadrados) em crescimento anualmente

COMO FUNCIONA O SEQUESTRO DE CARBONO

1 Carros, fábricas, usinas termelétricas e qualquer tipo de atividade que queima combustível fóssil (petróleo, carvão, gasolina etc.) emite gás carbônico (CO₂)



2 Para crescer, a árvore precisa fazer fotossíntese. Durante esse processo, ela absorve CO₂ do ar atmosférico e elimina oxigênio (O₂)



3 O carbono do CO₂ se transforma em biomassa e fica imobilizado, ou sequestrado



Projeto de Ação Climática-Serra do Itaquí

7.000 hectares de área plantada

Onde: Guaraqueçaba, a 150 km de Curitiba (PR)

Financiador: American Electric Power, companhia elétrica dos EUA

Investimento: US\$ 5,4 milhões (R\$ 11,4 milhões)

Executor: SPVS (ONG paranaense)

Duração: jul/2000 a jul/2039

Objetivos: plantio de até 1,8 milhão de árvores e absorção de 3,7 milhões de toneladas de CO₂ em 40 anos

Crédito de carbono: sim

Marcelo Pilger/Editoria de Arte/Folha Imagem

douro vai virar uma reserva privada nacional vitalícia para conservação biológica.

A SPVS, fundada em Curitiba, em 1984, desenvolve 90% de seus projetos na APA de Guaraqueçaba e trabalha em parceria com a TNC (The Nature Conservancy), ONG norte-americana que atua há 51 anos em 26 países.

Mato Grosso e Tocantins

Existem outros dois projetos de sequestro de carbono executados por ONGs no Brasil, que não reclamam créditos-carbono: um na ilha do Bananal (TO), financiado pela termelétrica inglesa AES Barry, e outro em Mato Grosso, financiado pela montadora de automóveis Peugeot.

A área de sumidouro em Tocantins tem 263 mil hectares e deverá imobilizar, até 2022, 25 milhões de toneladas de carbono. O projeto é voltado para pesquisa científica, teve investimento inicial de R\$ 3 milhões e está sendo colocado em prática pelo Instituto Ecológico, uma ONG local.

O engenheiro agrônomo Divaldo Rezende, presidente do Ecológico, avalia que, mesmo o Protocolo de Kyoto estando “na UTI”, “as florestas serão uma carta na manga na mesa de negociação”.

A Peugeot está investindo R\$ 25,7 milhões na restauração da vegetação de uma área de 12 mil hectares no norte de Mato Grosso e prevê o sequestro de 1,9 milhões de toneladas de carbono em 40 anos. A execução do projeto está a cargo da ONF (Organisation Nationale de Forêt, agência estatal de florestas da França) e de uma ONG, o Instituto Pro-Natura.

O projeto enfrentou problemas porque contratados para fazer o plantio foram acusados de usar desfolhantes num desmatamento prévio da área e de, com isso, terem contaminado rios.

A jornalista Mariana Viveiros viajou a Guaraqueçaba (PR) a convite da SPVS

Moradores resistem a projeto

DA ENVIADA ESPECIAL

“Nós somos a favor do verde. Do verde da banana e da mandioca.” A afirmação, feita em uma reunião de agricultores, resume o espírito da comunidade que vive dentro e no entorno da APA de Guaraqueçaba (PR) em relação aos projetos ambientais na região.

Acostumados a sobreviver do uso do ecossistema, os cerca de 6.500 moradores vêm com desconfiança as tentativas de preservação da área, que exigem mudanças de hábitos tradicionais.

“Não adianta simplesmente proibir as pessoas de fazer o que elas sempre fizeram”, diz a biólo-

ga Érika Fernandes Pinto, técnica em desenvolvimento de comunidades da SPVS. As atividades econômicas mais comuns na região são a extração de palmito e de cipó, agricultura, caça e pesca.

“É preciso criar alternativas de renda no contexto regional”, afirma Pinto, que se criou em uma das 57 vilas de Guaraqueçaba. Com a ajuda de uma socióloga, ela começou no fim do ano passado um programa para implantar práticas econômicas sustentáveis. “Mas há resistência”, diz.

A APA é criticada porque “não produz nada” e a SPVS é vista como “um bando de gringos que só querem ganhar dinheiro”. (MV)